**“No meu tempo…”**

Não é a primeira vez que escrevo sobre a expressão comum “no meu tempo…” e, não obstante, esta é uma crónica que tenho adiado sucessivamente.

É uma crónica sobre os mais velhos entre nós, cada vez em maior número numa sociedade cada vez mais envelhecida; é uma crónica ditada por estes mais velhos que, quase a jeito de confidência, numa voz baixa e envergonhada, desabafam sentir que extrapolaram já o seu tempo, sentir que estão a mais entre nós. Foi esta semana que, mais uma vez, ouvi um octogenário - que se mantém intelectualmente brilhante, humanamente exemplar e profissionalmente activo -, afirmar que se sente embaraçado de continuar a viver… Familiares, amigos e conhecidos vão sucessivamente desaparecendo, muitos mais novos do que ele próprio – afirmava – e ele continua…

Sentia um desconforto genuíno, o sentimento de já ter ultrapassado o seu tempo e perdurar, de ocupar um espaço que deveria ter abandonado e manter-se, a impressão de que causa estranheza entre os outros quando persiste em apresentar-se aqui e ali, a necessidade de fazer ironia acerca da situação como um pedido de desculpas por esta se prolongar…

Que sociedade é a nossa que permite que estes sentimentos se instalem e vivam em alguns de entre nós?! Pregamos uma sociedade inclusiva. Orgulhamo-nos dos progressos alcançados no igual tratamento atribuído a homens e mulheres, a diferentes etnias, a diferentes religiões... Exortamos com paixão ao igual tratamento de pessoas de orientação sexual distinta ou outros estilos de vida que vão emergindo… E, todavia, agravamos a discriminação em relação aos idosos, não só os marginalizando ou excluindo mas inculcando-lhes o sentimento de estarem a mais, um desconforto permanente e inalienável de sobrarem… Eis o que vai acontecendo numa sociedade em que os idosos se vão já tornando a maioria.

Por todas estas razões, sinto a pungência desta crónica como uma perplexidade minha e um desabafo, mas também com a esperança de um despertar e de uma vontade de agir de todos. Talvez muitos daqueles que ditaram esta crónica e a quem esta se destina especialmente não me leiam; mas estas palavras são também para vós, que envelheceis desde que nascestes, e este desabafo é certamente para mim para mais me consciencializar desta realidade e melhor pensar sobre formas de a superar… Porque afinal, o “meu tempo”, o tempo de todos nós, é sempre o agora e o aqui e, neste truísmo, somos todos iguais, novos e velhos. Todos vivemos quotidianamente o “nosso tempo” e este é aquele que vivemos dia-a-dia.

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)